

e isolados é deformação ligada ainda ao moralismo inconseqüente e escamoteador da verdade profunda dos fenômenos e processos. Entre os colaboradores sistemáticos de *O País*, estava Emília Moncorvo Bandeira de Melo, que ali começara publicando contos, sob o pseudônimo de Júlia de Castro, escrevendo também artigos literários na *Tribuna* sob outro pseudônimo, o de Leonel Sampaio, adotando, finalmente, o de Carmem Dolores, com o qual popularizou a coluna “A Semana”. Falecendo, a 13 de agosto de 1911, foi substituída nessa coluna por Gilberto Amado, que viera do Recife, já com o estágio preparatório do *Diário de Pernambuco*, escrevendo em *O País* desde 1909. Ao assumir a redação de “A Semana”, Gilberto Amado fez o elogio de sua antecessora, que tinha “a paixão pela vida, a bravura dos entusiasmos, a violência das sensações, (...) a exaltação deslumbrada, essa robusta ventura de viver”. Gilberto Amado foi protagonista, aliás, em *O País*, em 1912, de episódio muito característico da imprensa da fase industrial⁽²⁶¹⁾.

Em contraste com essa figura típica da imprensa industrial que foi João Laje, há que fixar, também essa outra figura típica — apesar de seus muitos aspectos singulares — que foi Lima Barreto, não apenas porque recolheu em páginas inesquecíveis a época, as personagens, a imprensa carioca, mas porque, em sua atividade de escritor e jornalista, acabou se constituindo um exemplo do antípoda da corrupção da inteligência, o caso marcante da vítima social. Colaborador circunstancial de revistas

(261) A 21 de março de 1912, Gilberto Amado, que começara, em seus artigos, a fazer incursões no terreno da política, fez o elogio de Lauro Müller, ministro do Exterior, então em rivalidade com Pinheiro Machado, a quem João Laje servia. No dia seguinte, o diretor do jornal chamou-o às falas e travou com ele o diálogo que se segue, contado por Gilberto Amado: “— Rapaz... as cavações no *O País* quem as faz é a redação, nos editoriais, nos sueltos, no corpo do jornal; não os colaboradores em coluna assinada’. Uma nuvem me passou pelos olhos. Mas a minha ingenuidade era tal que não liguei o que acabara de ouvir com estranheza, ao meu artigo. E ele soprou logo, agitando os dedos: — ‘Quanto o Lauro lhe deu ou lhe mandou prometer?’. Levantei-me, sentindo na boca um tropel de desaforos, tudo que um brasileiro pode compor em palavras como insulto, a começar por ‘nome de mãe’. — ‘Seu...’ Meu jeito não devia ser caçoada não, pois Laje se levantou, correu à porta, fechou-a e manteve-se de pé junto de mim numa posição de quem se prepara contra qualquer atacação. Sorriu, contudo, encarando-me. — ‘Acalme-se! *Bocê* se ofende à toa.’ E prosseguiu, com uma impassibilidade lisa, tão por cima da minha crispção como um vó de pássaro grande sob o esvoaçar de uma andorinha: — ‘Um artigo como o seu... pondo em tal destaque o Lauro, vale muito... como matéria paga’”. Do artigo, resultou convite de Lauro Müller a Gilberto Amado para viagem à Europa a serviço do Governo. O memorialista conta a entrevista curta com o ministro: “Não trocamos dez palavras. Conversa de chefe dando ordem de serviço. Não se referiu ao artigo”. (Gilberto Amado: op. cit., págs. 198/203). O episódio é curioso e característico, não apenas da forma como Laje, ostensivamente, encarava o problema, mas da forma como, naquela altura, se colocava esse problema, como esse problema constituía o cotidiano da imprensa política, como se apresentava correntemente, naturalmente, normalmente. Tão normalmente, que o protagonista o conta, em suas memórias.